



REQUALIFICAÇÃO DO
SISTEMA ABALUARTADO
DE CAMPO MAIOR
DA PRAÇA MILITAR
À PRAÇA PÚBLICA



17

14 e 15

13

An aerial photograph of a historic town, likely in Portugal, showing a large, walled square in the foreground. The square is surrounded by high walls and has a few buildings inside. In the middle ground, there is a large, white building with a red roof, which appears to be a church or a significant public building. The town is built on a hillside, and the buildings are mostly white with red roofs. The overall scene is captured in a dark, moody light, possibly at dusk or dawn.

REQUALIFICAÇÃO DO
SISTEMA ABALUARTADO
DE CAMPO MAIOR
DA PRAÇA MILITAR
À PRAÇA PÚBLICA

Coordenação
Sofia Aleixo

REQUALIFICAÇÃO DO
SISTEMA ABALUARTADO
DE CAMPO MAIOR:
DA PRAÇA MILITAR
À PRAÇA PÚBLICA

COORDENAÇÃO
SOFIA ALEIXO

FICHA TÉCNICA DA INTERVENÇÃO

Castelo e Fortificação Abaluartada de Campo Maior.

Monumento Nacional afeto à Direção Regional de Cultura do Alentejo

Tipo de intervenção

Conservação e Restauro do troço Sul-Poente

Localização

39°00'32.9"N 7°04'16.7"W
Campo Maior, Portugal

Data do Projeto

2016

Data da Obra

2017 | Novembro

Extensão da Intervenção

1.600 metros

Preço base de concurso

€ 4.500.000 [Concurso 2017-02-21]
no âmbito do Programa Operacional Regional Alentejo 2020 – Tipologia de Intervenção: Património Natural e Cultural.

Dono de Obra

Município de Campo Maior

Representantes:

Presidente da CMCM (2009–2019),

Eng. Ricardo Pinheiro

Presidente da CMCM (2019 até à data atual),

Dr. João Muacho

Vereador da CMCM, Eng. Luís Rosinha

Chefe da Divisão de Obras e Urbanismo,

Eng. Rui Carneiro

Candidatura Alentejo 2020|FEDER

Câmara Municipal de Campo Maior

Dr. João Sanguinho

Direção Regional de Cultura do Alentejo

Coordenação Técnica: Arq. João O. Pires,
(Diretor de Serviços Bens Culturais)

Gestão da candidatura: Dr. Luis Orvalho,
(Chefe Divisão de Recursos Humanos e Financeiros), Arq. Pais. Cláudia Giões
(1968–2019), Dr. Cecília Gonçalves

Arquitetura: Arq. João O. Pires, Arq. Elsa
Caeiro

Arquitetura Paisagista: Arq. Pais.
Cláudia Giões (1968–2019),

Arqueologia: Dr. Rafael Alfenim, Dr. Nelson
Almeida

Conservação e Restauro: Dr. Angela
Barrigó

Cofinanciamento:

Alentejo 2020 | FEDER

Projectos e acompanhamento técnico de obra

Coordenação Geral:

A2P Estudos e Projectos

Arquitetura e Coordenação:

Victor Mestre | Sofia Aleixo, arquitectos

Lda.: Arq. Victor Mestre e Arq. Sofia Aleixo

Arquitetura (Colaboração)

Arq. Nuno Gaspar, Arq. Daniel Pires,

Arq. Carlos Graça

Levantamento Topográfico

Câmara Municipal de Campo Maior

Toposerra – Gabinete de Topografia

Unipessoal, Lda.

Levantamento Arquitetónico

Câmara Municipal de Campo Maior

Medições e Orçamento

Câmara Municipal de Campo Maior

Coopas: Hugo Pombo

Fundações e Estrutura

A2P Estudos e projectos:

Eng. João Appleton, Eng. Pedro Ribeiro e

Eng. Inês Avó Almeida

Contextualização Histórica

Câmara Municipal de Campo Maior:

Arq. Eline Santana, Arq. José Nunes,

Eng. Tânia Palmeiro e Urb. José Rondão

Enquadramento Patrimonial

Victor Mestre | Sofia Aleixo, arquitectos

Lda.: Arq. Victor Mestre e Arq. Sofia Aleixo

Conservação e Restauro de Taipia

CEDACTerra:

Arq. Miguel Rocha e Arq. Patrícia Bruno

Instalações elétricas

Areanatejo, Eng. Diamantino Conceição

Espaços exteriores e redes de águas domésticas e pluviais

Câmara Municipal de Campo Maior,

Divisão de Obras e Urbanismo, Desenho:

Manuel Sardinha, João Sarrato

Fiscalização de Obra

Ripórtico: Eng. Rui Santa

Segurança de Obra

Penclark Soluções: Eng. Pedro Caldeira

Construtor

Agrocinco – Construções, S.A, Roberto

Vazquez Silvan, José Lopez Menarguez,

José Manuel Pozo Arranz, Eng. José

Trindade, Eng. Alexandra Rodrigues,

António M. Q. Lopes (mestre abobadeiro)

Acompanhamento Arqueológico

ERA Arqueologia

FICHA TÉCNICA DO LIVRO

Requalificação do sistema abaluartado de Campo Maior. Da Praça Militar à Praça Pública

Coordenação

Arq. Sofia Aleixo

Edição

Dr. Ana Paula Amendoeira

Diretora Regional de Cultura do Alentejo

Eng. Ricardo Pinheiro

Secretário de Estado do Planeamento

Presidente da Câmara Municipal

de Campo Maior (2009–2019)

Dr. João Muacho

Presidente da Câmara Municipal

de Campo Maior (2019 até à data atual)

Textos

Arq. Victor Mestre

Arqt. Sofia Aleixo

Eng. João Appleton

Eng. Pedro Ribeiro

Eng. Inês Avó Almeida

Arq. Miguel Rocha

Arqt. Patrícia Bruno

Prof. Francisco Galego

TCor. José Albino Galheta Ribeiro

Cartografia Histórica

Gabinete de Estudos Arqueológicos

de Engenharia Militar – Direção de

Infraestruturas

Recolha de informação

Arq. Daniel Pires

Fotografia

Filipa Bernardo (obra) / Vistas Drone

Arquivo CMCM,

Arquivo vmsa

SIPA

Design

Dr. Bernardo Providência

Dr. Lourenço Providência

Desenhos

Arq. Daniel Pires

Arqt. Ana Vazquez

Arq. Daniel Nunes

Revisão do texto

Dr. Manuela Leitão

Produção

Cariátides, Produção de Projetos e

Eventos Culturais, Lda.

Impressão

Greca Artes Gráficas, Lda.

ISBN 978-972-99332-6-4

Depósito Legal 480728/21

| | |
|---|-----|
| Ana Paula Amendoeira, DRCA lentejo | 5 |
| Ricardo Furtado Pinheiro, Secretário de Estado do Planeamento | 6 |
| João Muacho, Presidente da CM Campo Maior | 7 |
| 1. FORTIFICAÇÃO DE CAMPO MAIOR | |
| 1.1 Enquadramento histórico-militar | 11 |
| 1.2 A fortaleza de Campo Maior | 23 |
| 2. DA PRAÇA MILITAR À PRAÇA PÚBLICA | 28 |
| RESTAURO DO SISTEMA ABALUARTADO NO TROÇO SUL-POENTE | |
| 2.1 Identificação do bem patrimonial e área de intervenção | 30 |
| 2.2 Uma obra sem tempo | 33 |
| 3. CARACTERIZAÇÃO CONSTRUTIVA E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO TROÇO SUL-POENTE | 37 |
| 3.1 Plano de Intervenção de Restauro | 37 |
| 3.2 Nomenclatura das estruturas da fortificação abaluartada | 38 |
| 3.3 Magistral e obras exteriores | 40 |
| 3.4 Sistematização de anomalias | 72 |
| 4. DA ÉTICA E METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO CONSOLIDAR E RESTAURAR UM TROÇO DA FORTIFICAÇÃO | 76 |
| 4.1 Paramentos/escarpa | 77 |
| 4.2 Consolidação e reconstituição dos elementos de taipa | 82 |
| 4.3 Reconstrução de troços de parede de alvenaria de pedra da escarpa | 84 |
| 4.4 Reforços da base da muralha | 85 |
| 4.5 Consolidação do enchimento de retaguarda ou terras internas dos baluartes | 86 |
| 4.6 Cordões | |
| 4.7 Reparações, reconstruções e reconfigurações acima do cordão | 86 |
| 4.8 Parapeitos ou muretes | 86 |
| 4.9 Reforços em cunhais | 87 |
| 4.10 Merlões | 90 |
| 4.11 Banquetas ou degraus | 90 |
| 4.12 Canhoesiras | 92 |
| 4.13 Intervenção nos revelins | 96 |
| 4.14 Edifícios | 97 |
| 5. OBRA INTERVENÇÃO | 106 |
| 5.1 Da função social da valorização do Património Militar | 108 |
| 6. BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA | 190 |

Estruturas e Edifícios

- A. Meio-baluarte de Santa Rosa com orelhão
- B. Revelim da Porta Falsa
- C. Baluarte da Boa Vista
- D. Revelim da Boa Vista
- E. Meio-baluarte de São Sebastião
 - E.1 Capela de São Sebastião
 - E.2 Armazém da pólvora
- F. Porta da Vila
- G. Revelim da Porta de Santa Maria
- H. Meio-baluarte de Lisboa
- I. Meio-baluarte do Curral dos Coelhos
 - I.1 Casa da Pólvora
- J. Baluarte de Santa Cruz



Uma obra sem tempo

Localizada em terras de fronteira, a fortaleza abaluartada de Campo Maior tem na sua génese a protecção integral da urbe, das investidas de conquista, e nesse sentido integra uma linha contínua de castelos e fortalezas que definem o limite e zelam pela integridade do território nacional, em caso de conflito. Pessoas e respectiva economia de sobrevivência são dependentes da riqueza produzida nos campos, associada à qualidade dos solos e dos recursos hídricos que, em articulação, concorrem para a permanência e incremento do dispositivo militar. Em tempos de paz, este dispositivo assegura a manutenção regular do conjunto abaluartado e dos edifícios, dos dispositivos móveis e de um conjunto de acções indispensáveis para a integridade do sistema militar em estreita ligação com os interesses da comunidade. Inscrevem-se nessas acções a limpeza e manutenção de caminhos, estradas, interiores e exteriores da estrutura.

O regular recrutamento de artesãos de diversos ofícios para participarem nas campanhas de manutenção, reparação e reconstrução de panos de muralha, edifícios e infra-estruturas permitiu, durante sucessivas gerações, que técnicas e tecnologias se transferissem do âmbito da esfera militar/pública para o privado, e se generalizassem procedimentos de ordem técnica mas também de domínio de arte de edificar. Deste modo se terão introduzido significativas melhorias no âmbito do conforto, da higiene e saúde pública, nas edificações domésticas, mas também em edifícios e espaços públicos.

Uma vila, como Campo Maior, integrada num sistema abaluartado é sua parte integrante, na sua harmoniosa e continuada articulação de que terá resultado parte da unidade urbana que lhe reconhecemos enquanto estrutura identitária. Esta encontra-se desde logo na origem da regularidade infra-estrutural, tendo constituído a base técnica e tecnológica indispensável para o funcionamento das actividades e respectiva economia local, como ainda terá sido determinante na estabilidade e definição da estrutura social.

Restaurar o sistema abaluartado foi assim considerado para além do âmbito exclusivo da materialidade, porquanto todo o seu historial se encontra reflectido na própria identidade CampomaioireNSE. Nesse sentido considerámos não se tratar apenas de religar partes desligadas, repondo derrocadas, preenchendo

Victor Mestre
Sofia Aleixo



PT DGPC: SIPA FOTO. 00164881 sa., s.d.



Canhoeira reutilizada como armazém (2016)



Realojamento 2016



Utilização da Capela de S. Sebastião como habitação (2016)

lacunas, (re)fechando fissurações, mas antes um complemento de sustentabilidade sociocultural, reintegrando de novo o sistema abaluartado na estrutura social de Campo Maior. Neste âmbito, a autarquia interagiu junto da comunidade cigana residente em condições precárias no baluarte de São Sebastião, encontrando uma solução por comum acordo para o seu realojamento qualificado. Esta acção, iniciada em 2009, procurou entender e respeitar a condição sociocultural em presença, reflectindo-a na organização espaciofuncional das casas e dos aglomerados (projecto do Arquitecto José Manuel Nunes).

Esta foi uma oportunidade de se retomar, no século XXI, o ciclo interrompido com a desactivação da estrutura militar e a sua inadequada apropriação e promover soluções que repusessem os elos interrompidos, incorporando novas e comprometidas entidades, emergentes da sociedade civil, de instituições públicas e privadas. Estas, em conjunto, integrarão um desígnio comum, precisamente o de valorização de Campo Maior, através da conservação e restauro do sistema abaluartado do século XVII, sistema já sujeito a sucessivas actualizações e reconstruções após os conflitos armados de que foi alvo. A articulação resultou essencialmente na adequada utilização de espaços, estruturas e imagem do sistema abaluartado para usufruto comunitário enquanto recurso de âmbito sociocultural. Deste modo se poderá planear o futuro a médio/longo prazo, na justa medida em que a campanha executada terá de vir a ser monitorizada e ciclicamente objecto de manutenção, como tradicionalmente o foi no passado.

Dever-se-á assim definir uma estratégia em Plano Director de Intervenção a médio e a longo prazo que vise a salvaguarda e manutenção do sistema abaluartado, onde todo o tipo de acções e respectivas metodologias, materiais e tecnologias a desenvolver no futuro se integrem. Considera-se ainda indispensável que este plano complemente e/ou indique os meios e a(s) entidade(s) reguladoras da manutenção.

À imagem de outras experiências bem-sucedidas, de que salientamos a revitalização e valorização do Centro Histórico de Guimarães, considerámos ao se elaborar um projecto de conservação e restauro para uma campanha de obras específica, correspondente a uma área prioritária de emergência, a articulação com um Plano Director de Intervenção onde esteja reflectida a estratégia de valorização. Reportamo-nos ao benefício económico que esta intervenção e respectiva continuidade no plano das campanhas de restauro poderá vir a significar ao integrar-se numa rede de actividades socioculturais no âmbito da região transfronteiriça. Partindo da sua própria especificidade, como as Festas da Flor de Campo Maior, entre outras, que poderão ampliar o seu espaço geográfico tradicionalmente confinado às ruas do centro histórico para as áreas restauradas, sem que estas percam a sua identidade histórica de origem no sistema defensivo militar.

Em face da existência de uma Escola Profissional em Campo Maior, consideramos relevante planear a formação de técnicos na área da reabilitação de estruturas antigas nas suas diversas especificidades, tais como: taapeiros, abobadeiros, pedreiros, entre outras áreas das artes da construção tradicional. Desta forma se amplia a possibilidade de se entender este projecto numa dimensão de sustentabilidade local/regional, numa perspectiva de longo prazo.

Esta será desejavelmente considerada uma obra sem tempo, uma obra de fases concretas na estratégia de faseamentos prioritários para garantir a sua eficácia, estendendo-se à permanente manutenção em face da sua dimensão. Uma permanente vigilância requererá pequenas manutenções anuais, respectivamente de limpeza de infestantes, de reparações pontuais das estruturas e pavimentos, refuncionalização de drenagens obstruídas, etc. Assim se assegurará uma maior ligação em termos de estima pública da comunidade para com este complexo sistema arquitectónico.

Do mesmo modo com que propomos uma ligação da Escola Profissional de Campo Maior ao próprio desígnio da conservação e restauro das estruturas arquitectónicas, propomos a valorização das pequenas e médias empresas locais devidamente acreditadas, com a incorporação dos seus alunos. Fazemos notar a necessidade de se estabelecerem protocolos com entidades que pela sua componente científica acompanham de forma coordenada a preparação e as próprias acções a desenvolver no terreno. Nesse âmbito se salienta a Universidade de Évora, onde se destaca o Laboratório Hércules, pela vocação e experiência no âmbito da conservação e restauro do Património Arquitectónico.

E é neste âmbito que a requalificação da fortificação abaluartada de Campo Maior poderá adquirir um novo desígnio, precisamente o de legar a Praça Militar à plena fruição pública. Ao se intervir nesta fase em cerca de 1600 metros dos 4295 metros de desenvolvimento da magistral, proporciona-se já a utilização qualificada desta herança histórica, que assim se enobreceu no actual tempo para benefício das gerações futuras.

A reapropriação pública destes espaços agora requalificados será determinante para a sua adequada manutenção. Só a estima pública assegurará o sentido e o êxito do esforço económico que se implementou na campanha de conservação e restauro do troço degradado no quadrante sul-poente da magistral, das obras exteriores e dos edifícios integrados do sistema abaluartado de Campo Maior.



Remoção de bairro informal do baluarte de S. Sebastião (2016)



Habitação informal no baluarte de S. Sebastião (2016)



Capela de S. Sebastião (2016)



Co-financiado por:



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA
DRAC ALENTEJO

ALENTEJO
2020

PORTUGAL
2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

